

Pato Fu celebra
30 anos de estrada
no Circo Voador

PÁGINA 7



Exposição mostra
trabalhos de
Maria Augusta

PÁGINA 13



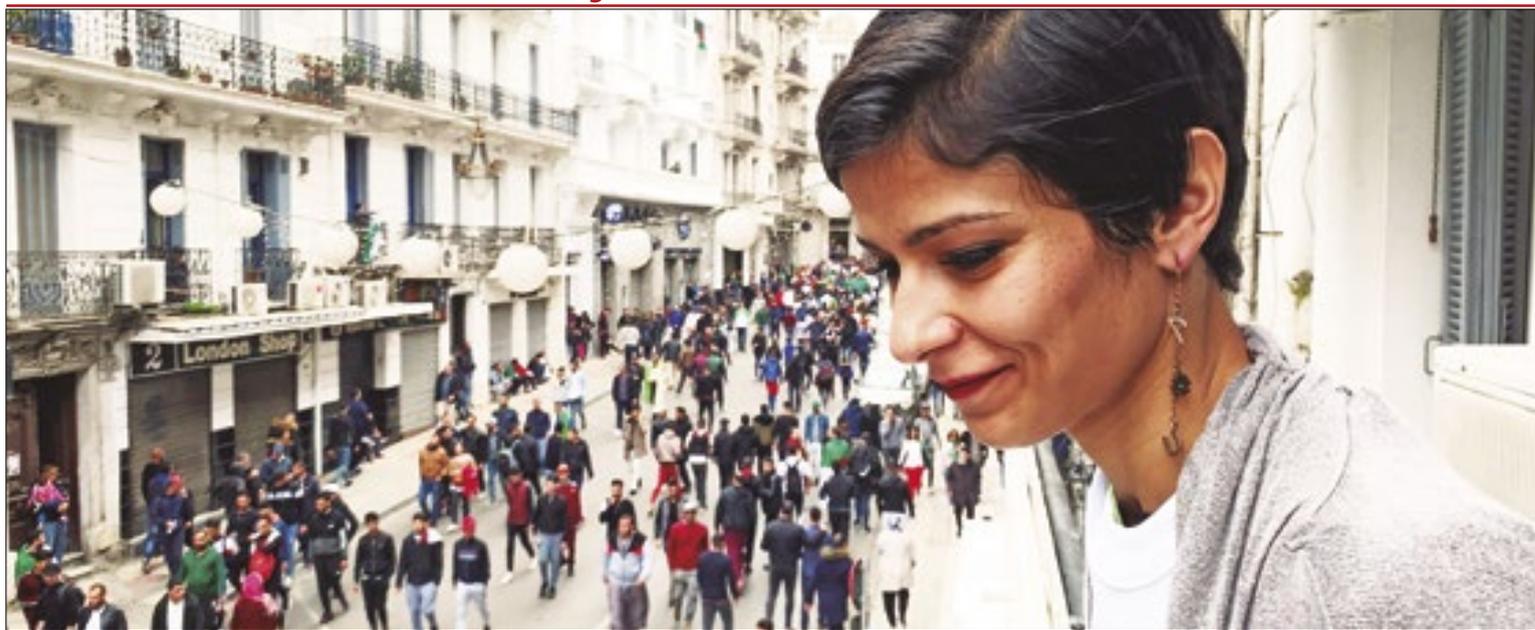
Três pizzarias
brasileiras integram
top 100 global

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

Cena de 'Nardjes'

Karim Aïnouz em dose dupla nas telas

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Dose dupla de Karim Aïnouz à vista, a partir da próxima quinta-feira. No dia 28, estreiam dois longas-metragens de matriz documental, com alma de ensaio, ambos centrados na Argélia, do cineasta cearense laureado com o Prix Un Certain Regard do Festival de Cannes de 2019 com "A Vida Invisível".

Um deles é de 2020, e nasceu na Berlinale daquele ano, dias antes de a pandemia ser decretada: "Nardjes

A.". O filme é batizado com o nome de sua personagem, uma ativista argelina, cuja atitude combativa serve para o diretor fazer uma defesa da sabedoria feminina e da retidão dos jovens. Ao cruzar seu olhar com a jovem e inflamada militante, em meio à Revolução dos Sorrisos, em solo argelino, em 2019, o diretor de "Madame Satã" (2002) aplica um de seus filtros autorais: a atenção ao transbordamento de quem é visto como desviante. "Nardjes" é uma ferida aberta na moral de uma nação inquieta. Uma ferida de onde brotam as flores de uma juventude que não se deixa calar. Também existem flores no outro lançamento do ci-



Divulgação

Cena de 'Marinheiro da Montanha'

neasta: "O Marinheiro das Montanhas", projetado pela primeira vez em telas da Croisette, em 2021.

Sua comovente passagem pelo

Festival do Cairo naquele mesmo ano – numa sala lotada de estudantes, anotando em seus caderninhos dados poéticos sobre a ponte afeti-

va entre a realidade argelina e o Brasil – ajudou a promover o filme na África, onde foca seu olhar.

Trata-se de uma espécie de inventário afetivo (de cicatrizes e de suspiros) de sua própria vida: "É um memoir de mim mesmo", diz o diretor, ao documentar a relação de amor entre seus países: a brasileira Iracema e Majid, um argelino. Eles se trombaram nos Estados Unidos, quando eram estudantes. Lá viveram uma love story parecida com as paixões de melodrama filmadas por Karim. Foram felizes até que Majid voltou pro seu país de berço, em 1965. Karim cresceu sem ele e só foi conhecê-lo quando já tinha 20 anos. Iracema nunca mais se casou. Mas da memória do que foi vivido ficou uma caixa de slides. O longa nasce dessa caixa. E de uma jornada onde o diretor pegou um barco de Marselha e foi parar na Argélia, no vilarejo de onde seu pai vem, que é uma região montanhosa, onde neva. Sua mãe, que morreu em 2015, opera na narrativa como sendo uma espécie de companheira imaginária.

Este ano, Karim competiu pela Palma de Ouro de Cannes pela primeira vez, com "Firebrand", filme sobre a monarquia inglesa com Alicia Vikander e (um magistral) Jude Law, que vai ser exibido no Festival do Rio (5 a 15 de outubro). É a história de uma rainha, Catherine Parr, em sua relação conturbada com Henrique VIII. Sua abordagem libertária para o Velho Mundo é fruto do contágio provocado pelo par de longas que o diretor lança agora.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / KARIM AÏNOUZ, CINEASTA

'Fui atrás da minha mitologia'

Sua volta ao cinema, depois de uma sólida passagem pela competição oficial de Cannes com "Firebrand", é feita por duas narrativas que parecem falar de sua "argelinidade", a identidade de suas raízes paternas. Que sensação de pertencimento nasce de "Nardjes A." e de "O Marinheiro das Montanhas"?

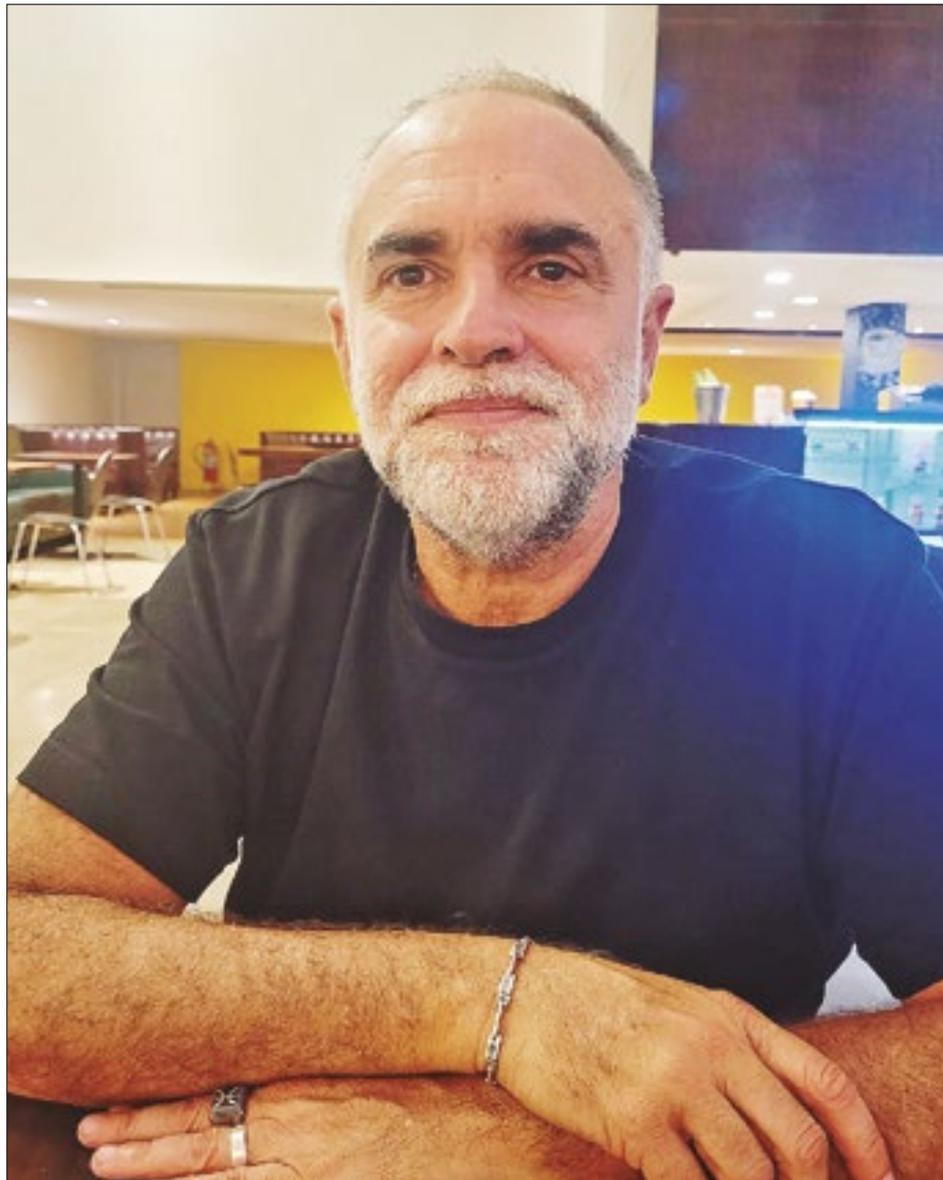
Karim Aïnouz: Minha identidade é muito plural, pois, por meio dos laços com minha mãe, eu levo o Ceará sempre comigo. Esses dois filmes me permitiram ver tudo o que se passou com a Argélia, para que ela se emancipasse politicamente, e falar do apagamento da memória, que é um mal constante no Brasil. Fui atrás da minha mitologia. Com o tempo que se passou e com esse lançamento casado, esses olhares se conversam. Já estou trabalhando num terceiro filme, agora de ficção, sobre a relação entre meus pais.

Desde "O Céu de Suely" (2006), o seu cinema tem um protagonismo feminino forte. Você volta com um documentário sobre uma ativista, a Nardjes, e com outro que parece ser sobre o seu pai, mas, na prática, é movido pela (oni)presença de sua mãe. Que mulheres são essas?

Vi um anúncio do "Nardjes A." no Circuito Estação em que uma foto da ativista parece o rosto da minha mãe. A questão que me movia aí é falar da relevância da mulher num mundo que parece ser oprimido pelos homens. Colocar minha mãe lá era uma experiência que parecia importante.

Além dessa tal "argelinidade", haveria alguma demarcação da sua identidade como árabe nesses dois filmes?

Se eu me chamasse Pedro Aïnouz e, não, Karim, eu não teria essa necessidade de investigar o meu passado como tive, pois eu passei a vida ouvindo: "Mas como é mesmo o nome do senhor?". Mas eu me chamado Karim, um nome árabe, que, no Brasil, parece nome de alien. A legitimidade veio daí, ainda que eu venha de uma origem berbere. Não por acaso, a partir de 2001, com o 11 de Setembro, meu nome passou a ser uma bandeira vermelha, pois onde quer que eu fosse, eu era revistado. A identidade por trás desse nome passou a simbolizar perigo. Existem muitas histórias desses povos da África do Norte, sobretudo em suas lutas de libertação, que a gente desconhece. Meu cuidado foi de conta-las sem romantizar a realidade. A



Rodrigo Fonseca

Karim Aïnouz: 'Fazer esses filmes naquele momento me dava a sensação de que, enquanto o nosso país estava em coma, tinha alguém indo para a academia se cuidar, reivindicado nossa liberdade democrática'

ideia era apenas falar de um povo que lutou para ser o dono de seu próprio destino, fazendo um espelhamento disso com a realidade do nosso país na época em que os filmes ficaram prontos, pós-Golpe.

"Nardjes A." estreou na Berlinale de 2020 e "O Marinheiro das Montanhas" foi projetado no Festival de Cannes de 2021, ou seja, ambos nasceram num

período em que a democracia brasileira estava na UTI, na metástase do governo Bolsonaro. Como é revê-los agora?

Fazer esses filmes naquele momento me dava a sensação de que, enquanto o nosso país estava em coma, tinha alguém indo para a academia se cuidar, reivindicado nossa liberdade democrática. Numa fase de profunda desesperança que vem com o Golpe, esses filmes foram uma vál-

vula de escape. Agora, estamos saindo do hospital com rapidez de cicatrização. Mas a sensação que me bate é de que não podemos baixar a guarda

Você acaba de rodar "Motel Destino", com Fábio Assunção, no Ceará. O quanto a experiência recente com narrativas de essência documental, mas de espírito ensaísta, ligadas às suas raízes familiares, contamina a sua forma de fazer ficção?

Fiquei muito contaminado que "O Marinheiro das Montanhas" me trouxe. Foi uma experiência muito tesuda ter a chance de decidir que uma sequência toda poderia ser toda feita num tom azul sem precisar de uma explicação para essa escolha. É como num poema, em que uma determinada palavra vem antes da outra sem uma justificativa racional. É diferente de uma ficção, em que tudo é pautado pela narrativa, o que te obriga a ser obediente à trama. Essa liberdade que "O Marinheiro..." me deu permitiu que eu fizesse "Firebrand" mais emancipado, encarando um filme sobre a monarquia britânica histórica de forma mais livre. Fui livre para "Motel Destino" também. Abri meu segundo tempo na arte com esse sentimento.

Falando de "Firebrand", o filme vai estar no Festival do Rio. Quem e como é Catherine Parr, a personagem de Alicia Vikander?

Quando esse projeto me foi proposto, falavam pra mim assim: "É a história da primeira mulher que publicou um livro na Inglaterra". Isso é um dado relevante. Catherine fez isso. Mas não era a esse gesto que eu queria reduzi-la. Queria falar desse filme a partir de uma perspectiva política. Olhando a relação dela com as figuras de poder de seu tempo, na relação com aquele rei vivido pelo Jude Law, eu tenho a sensação de que estou falando de uma mulher que se casou com o Trump e foi amiga do Che Guevara. É uma mulher que está num trapézio político da História.

O eleito da crítica

Na abertura do Festival de San Sebastián, o diretor finlandês Aki Kaurismäki recebe pela segunda vez a láurea anual da Federação de Imprensa Cinematográfica

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Embora anuncie aos quatro ventos que parou de beber, o cineasta finlandês Aki Kaurismäki sempre põe uma caninha em seus filmes e já subiu ao palanque de grandes festivais mundiais trocando as pernas, falando com mais ironia do que costume. Lucidez sempre foi a marca de seu cinema, iniciado em 1981, e indicado ao Oscar, em 2003, por “O Homem Sem Passado”, que lhe rendeu o Grande Prêmio do Júri de Cannes, há 21 anos.

Porém, a bebedeira virou uma performance dele em público. Juram que ele vai estar sóbrio hoje, ao receber o Grand Prix Fipresci de Melhor Filme de 2023 por “Fallen Leaves” (“Kuolleet lehdet”), na abertura do 71º Festival de San Sebastián, no norte da Espanha. É a segunda vez que o mais famoso realizador da Finlândia, hoje com 66 anos, ganha a láurea anual da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica. Recebeu a honraria antes, em 2017, por “O Outro Lado Da Esperança”, que lhe rendeu ainda prêmio de Melhor Direção na Berlinale. Nessa produção, que está no ar no streaming Reserva Imovision, ele exorcizava o demônio da xenofobia em terras europeias. Já o novo filme é uma história de amor, rasgada.

“Escrevi esse roteiro em 30 horas, pois saíu tudo do meu inconsciente. Nós vivemos entre muros que construímos para esconder crimes cometidos atrás deles, a segregação, xenofobia. Esses erros pioram com o tempo porque a Europa está velha. Ela anda desatenta a seus erros. A Europa não existe”, disse Kaurismäki em



Aki Kaurismäki: ‘A Europa está velha e anda desatenta a seus erros’

Cannes, em maio, quando concorreu à Palma de Ouro com “Fallen Leaves”.

Ele esbanjava humor em seu jeito rabugento de falar, ao explicar a dimensão ética deste novo tomo de uma trinca de tramas sobre a classe operária. “Eu sou meio preguiçoso, em geral, e pensar numa ideia de trilogia me economiza trabalho de explicar teses”, diz o diretor, que saiu da Croisette com o Prêmio do Júri.

Enquetes populares e mesmo teóricas atestam a força de “Oppenheimer” como a potência audiovisual nº 1 de 2023 nas telas, porém, segundo as deliberações da Fipresci, que é a maior associação da crítica no mundo, nada desbanca a graça de “Fallen Leaves”. Aos olhos da instituição, Kaurismäki, um dos realizadores mais cultuados de todo o planeta nas últimas duas décadas, pelo espírito satírico de sua filmografia e por sua estética cartunística. A decisão em prol de seu novo longa foi tomada em uma votação online que mobilizou 669

integrantes da associação. A láurea chamada Grand Prix Fipresci foi criada em 1999 e já coroou artistas do quilate de Maren Ade, Pedro Almodóvar, Paul Thomas Anderson, Alfonso Cuarón, Jean-Luc Godard, Ryusuke Hamaguchi, Michael Haneke, Richard Linklater, George Miller e Chloé Zhao.

“Creio que Aki e Roy Andersson são cineastas que me deram uma visão cômica do mundo hoje”, disse o cineasta sueco Ruben Östlund, ganhador de duas Palmas douradas e presidente do júri de Cannes deste ano, quando foi indicado a dois Oscars com “Triângulo da Tristeza”. “Aki Kaurismäki tem um humor muito particular. O que talvez me faça ser próximo dele é o fato de ele carregar uma melancolia tipicamente nórdica no modo de olhar – e de mostrar – o que é, supostamente, trivial”.

Em “Fallen Leaves”, Kaurismäki escancara a ferida da Guerra da Urânia de maneira brilhante em seu novo roteiro, sempre pro-

pondo uma comicidade agrídoce. Na narrativa, há um rádio sempre com notícias contra a Rússia ligado na casa da protagonista, Ansa (Alma Pöysti). Primeiramente, ela aparece no enredo como funcionária de supermercado, depois disso, vira faxineira de bar e, por fim, torna-se operária de fábrica. Sua vida é monótona, solitária e embolorada. Até as lasanhas congeladas que compra dão mofo. Mas tudo muda quando ela se encanta por um homem sem nome que conhece num karaokê, vivido pelo brilhante Jussi Vatanen. Ele também se encanta por ela, vive só e carece de um benquerer pra chamar de seu. Seu problema: ele bebe. Muito. Na ciranda entre o álcool e uma paixão verdadeira, o personagem de Vatanen sofre uma reeducação afetiva. E a gente senta no banco escolar da empatia com ele, num filme de que dificilmente se esquece. É a simplicidade a serviço do lirismo.

“O método de Kaurismäki é ‘old school’ e é curioso: não se pode olhar para a câmera, não existem ensaios e tudo se resolve num take”, disse Alma Pöysti, a Cannes.

Laureada com o Prêmio da Crítica, também dado pela Fipresci, no Festival de San Sebastián de 2018, pela ficção científica “High Life”, a cineasta francesa Claire Denis vai presidir o júri do festival este ano. Ela comanda um time que inclui a atriz chinesa Fan Bingbing; a produtora e diretora colombiana Cristina Gallego; a também francesa Brigitte Lacombe, fotógrafa; o diretor alemão Christian Petzold; o produtor húngaro Robert Lantos; e a estrela espanhola Vicky Luengo. Essa plêiade de artistas tem 16 longas-metragens para avaliar. Estão em concurso: “All Dirt Roads Taste of Salt”, de Raven Jackson (EUA); “A Journey in Spring”, de Tzu-Hui Peng e Ping-Wen Wang (Taiwan); “Un amor”, de Isabel Coixet (Espanha); “Ex-Husbands”, de Noah Pritzker (EUA); “Fingernails”, de Christos Nikou (EUA); “Great Absence”, de Kei Chika-Ura (Japão); “Kalak”, de Isabella Eklöf (Dinamarca); “MMXX”, de Cristi Puiu (Romênia); “Puan”, de María Alché e Benjamín Naishtat (Argentina); “La Práctica”, de Martín Rejtman (Argentina); “L’Ile Rouge”, de Robin Campillo (França); “The Royal Green”, de Kitty Green (Austrália); “O Corno”, de Jaione Camborda (Espanha/Portugal); “Un Silence”, de Joachim Lafosse (Bélgica); “Le Successeur”, de Xavier Legrand (França); e “El Sueño de la Sultana”, de Isabel Herguera (Espanha). O Brasil não tem protagonismo na caça à Concha, participando apenas como coprodutor de alguns concorrentes, mas terá dois títulos na mostra competitiva Horizontes Latinos: “Pedágio”, de Carolina Markowicz, e “Estranho Caminho”, de Guto Parente. O evento segue até o dia 30.

CRÍTICA / CINEMA / OS MERCENÁRIOS 4

Divulgação

Coquetel de **saborosas** incorreções

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Dublê de filmes seminiais para a cultura pop dos anos 1990, entre cults (“Velocidade Máxima”) e fracassos famosos (“Waterworld”), Scott Waugh assumiu a tarefa de devolver a franquia “Os Mercenários” às telas nove anos depois do terceiro (e irregular) longa-metragem do projeto criado por Sylvester Stallone.

Um projeto que já faturou US\$ 805 milhões em seu empenho em agrupar celebridades da ação de di-

ferentes gerações. O segundo, com Chuck Norris e Van Damme, foi um achado e tanto na dramaturgia do filão. A fim de dar à quarta aventura da cinessérie - chamada lá fora “The Expend4bles” - um tratamento narrativo capaz de resgatar os fãs, Waugh apostou num espectro B, com violência gráfica explícita.

Plasticamente gore, o novo título da saga dos soldados da fortuna liderados por Barney Ross (Stallone, bem dublado por Luiz Feier Motta) derrama litros de sangue e hiper valoriza seu rubor. É espartano em sua montagem, ágil e aberta a muitas frentes. A



Quarto filme da série aposta em novos talentos, como o rapper 50 Cent

entrada de 50 Cent no elenco, como o soldado Easy Day, amplia o tônus cômico e heroico de um filme avesso às patrulhas da correção política. O perfil lascivo adotado por Megan Fox para compor sua personagem, a especialista em combate Gina, desafia todos os tabus do politicamente

corrente da atualidade.

Ousadia não falta ao quatro “Os Mercenários”. O que lhe falta é uma lapidação de roteiro que resguardasse seu enredo de obviedades e simplificações. Na tela, vemos o grupo partir para uma vingança após a morte de um de seus integrantes, encarando o terrorista

Rahmat (Iko Uwais). Lee Christmas (o ótimo Jason Statham, aqui dublado pelo genial Armando Tiraboschi) é quem vai encampar essa missão de revanche, sob a chefia de um caricato Andy Garcia. As lutas de Statham são um espetáculo acrobático à parte, num longa sem tons épicos, sem melodramas.

CINESTREAMING

POR RODRIGO FONSECA

Divulgação



Amnésia

AMNÉSIA (2000), de Christopher Nolan: Longa que revelou o diretor de “Oppenheimer”, este thriller é batizado num conto escrito pelo irmão do cineasta, Jonathan Nolan, chamado “Memento Mori”. Guy Pearce arrebatou plateias no papel de Leonard Shelby, investigador que, após perder a memória, tenta descobrir quem matou sua mulher. Para amplificar a tensão, Nolan narra a trama de trás para frente. Onde ver: MUBI



Quase Dois Irmãos

QUASE DOIS IRMÃOS (2004), de Lúcia Murat: Nos anos 1970, quando o país vivia sob a ditadura militar, muitos presos políticos foram levados para a Penitenciária da Ilha Grande, no litoral fluminense. O encontro entre políticos e assaltantes de bancos é parte importante da história da violência que o país enfrenta até hoje enfrenta, a partir da gênese da organização criminosa Comando Vermelho. Onde ver: Reserva Imovision



Cassandra

LOBISOMEM NA NOITE (2022), de Michael Giacchino: Em seus 52 minutos de um preto e branco expressionista, esta imersão da Disney nas HQs de horror da Marvel dos anos 1970, criadas por uma esquadra de talentos (Roy Thomas, Jean Thomas, Gerry Conway e Mike Ploog), põe Gael García Bernal na pele (e nos pelos) do licantropo Jack Russell. Na caça por uma joia mística, ele vai usar seus poderes lupinos. Onde ver: Disney



Okja

CASSANDRO (2023), de Roger Roy Williams: No melhor desempenho de sua carreira desde “O Passado” (2007), o ator e produtor mexicano Gael García Bernal inflama a telona na cinebiografia do ás da luta livre texano Saúl Armendáriz. Hoje com 53 anos, ele se destacou no esporte ao criar para si uma controversa persona queer, chamada Cassandra, que entrava nos ringues cheio de brilhos. Onde ver: Amazon Prime

OKJA (2017), de Bong Joon Ho: O diretor de “Parasita” assina esta aventura de tons fantásticos. Tilda Swinton interpreta duas irmãs que comandam uma corporação responsável pela criação de uma raça mutante de porcos para alimentar a raça humana. A ideia da empresa é realizar um concurso, sob o comando de um apresentador de TV de programas de animais, a fim de escolher o suíno mais suculento. Onde ver: Netflix



APRESENTA



Poética dos
sentidos



ENTRADA GRATUITA.



16

**ESTREIA DO CURTA
"COMIDA DE VÓS"**

A partir das memórias de duas avós, a diretora mergulha numa investigação sobre desigualdade social e racial, gênero, escrita e comida.

Sesc Duque de Caxias | 22/9 | 14h*

Sesc São João de Meriti | 23/9 | 19h

*Sessão + debate



L

**BATALHA DE RITMOS:
IMPERADORES DA DANÇA
X GW CIA DE PERFORMANCE**

O encontro dos maiores grupos de dança urbana do Rio de Janeiro promete entregar muita dança, ao som de Funk, Trap e Hip Hop.

Sesc São João de Meriti | 23/9 | 15h



12

**PONTO DE TRANSMUTAÇÃO:
OS TAPETES CONTADORES
DE HISTÓRIAS**

O narrador compartilha três contos filosóficos que falam de identidade social, expectativas e recriação da própria narrativa de vida.

Sesc Nova Iguaçu | 23/9 | 19h



14

LUGAR DE PRETA

Relato autobiográfico da bailarina Luiza Meireles, que aborda a falta de representatividade preta na sociedade e no universo da dança.

Sesc São João de Meriti | 23/9 | 20h*

*Obra de Clóvis Aparecido



12

**SESSÃO DE CINEMA "A MORTE
BRANCA DO FEITICEIRO
NEGRO" + "CAIXA PRETA"**

Sesc Nova Iguaçu | 22/9 | 14h e 19h*

*Sessão + debate com os diretores do filme.



L

**CONFERÊNCIAS DE RICARDO
ALEIXO E MARIA CARVALHOSA,
COM MEDIAÇÃO DE LEONARDO
MORAES**

Sesc São João de Meriti | 23/9 | 19h

CORREIO CULTURAL

Renato Mangolin/Divulgação



Raquel Botafogo contracena com um boneco

‘Cinza com Sol’ encerra temporada na Barra

O universo do bailarino, coreógrafo e mestre da dança Butô, Kazuo Ohno, inspirou a criação do espetáculo “Cinza com Sol”, que está em cartaz neste sábado e domingo (23 e 24) no Espaço Tápias, na Barra da Tijuca.

A obra apresenta um duo entre a artista Raquel Botafogo e um boneco habitável semelhante ao artista japo-

nês. As relações entre ambos são desenvolvidas por meio da dança, do teatro de formas animadas e da música, revelando uma paisagem interior em movimento, como um céu de primavera repleto de contradições.

Raquel Botafogo é artista e pesquisadora da área da dança, do teatro e do teatro de formas animadas.

¡Hola Rio!

A cantora Luísa Lacerda e os integrantes do Quarteto Geral homenageiam compositores cariocas neste sábado (23) em apresentação no Festival ¡Hola Rio!, evento de intercâmbio que se realiza este mês em Madri na Casa de América.

Rock e BBQ

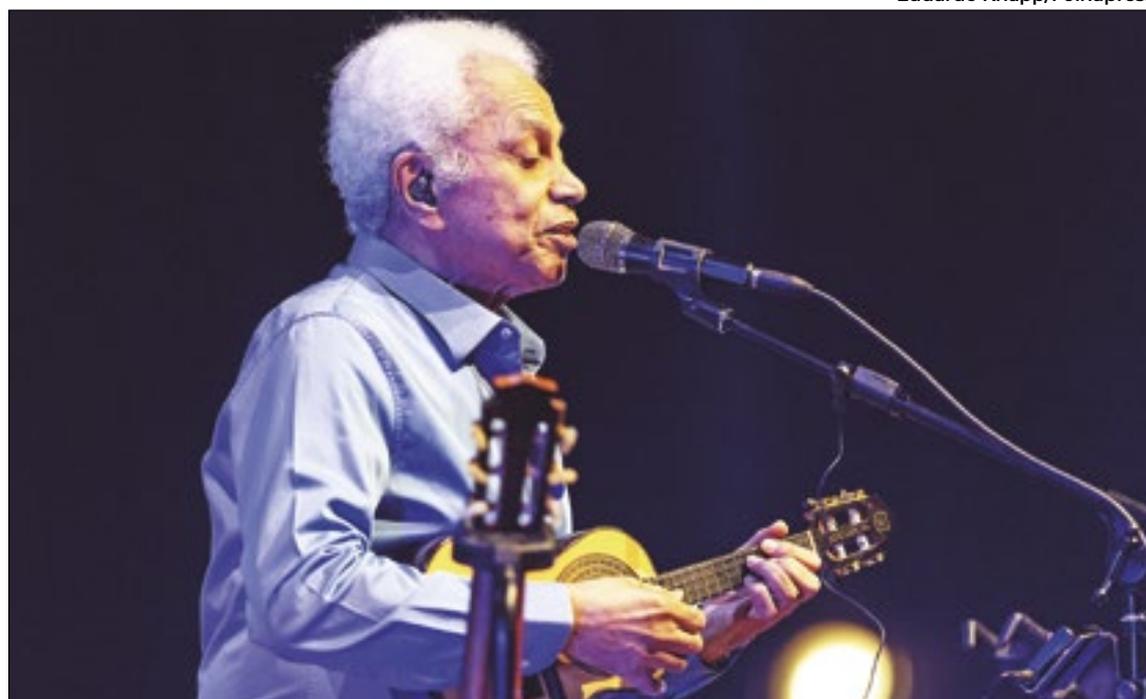
Neste fim de semana o início de primavera vai esquentar com o Rock 80 Festival, que retorna para a Quinta da Boa Vista com o BBQ Festival e a Cerveja Rio de Janeiro. Serão dois dias de muita música. O evento pede doações de 2kg de alimentos não perecíveis.

Concerto de harpa

A Casa Museu Eva Klabin apresenta neste domingo (24), às 16h, o concerto “Apresentando a Harpa” com Maíni Moreno. Neste concerto solo a instrumentista apresentará ao público clássicos de Händel, Bach, Mahler e Marcel Tournier.

De volta

Wesley Safadão marcou para sexta-feira da próxima semana (29) seu retorno aos palcos. Ele estava afastado desde o início do mês para tratar fortes crises de ansiedade. “Avisa aí que o Safadão tá voltando”, postou o cantor em suas redes sociais.



Paulinho da Viola

Paulinho da Viola, 80 anos de genialidade

Cantor e compositor mais classudo do samba se apresenta neste sábado no Vivo Rio

Seguem as comemorações dos 80 anos de Paulinho da Viola e o mais elegante dos sambistas brasileiros volta a rodar o Brasil após um problema de saúde com um espetáculo que passeia por toda sua carreira mas, acima de tudo, é uma grande festa da música brasileira, especialmente do samba e do choro, os dois gêneros formadores da trajetória singular do artista. Desta vez, o cantor e compositor volta ao palco do Vivo Rio para apresentações neste sábado (23), às 21h, com ingressos esgotados.

Pelos olhos, ouvidos e acordes de Paulinho, passou certamente o que de mais expressivo

o Brasil produziu nessas oito décadas. O espetáculo revisita o início do compositor e cantor, desde os tempos do histórico Show “Rosa de Ouro”, onde o jovem músico colocava pela primeira vez os pés num palco ao lado de figuras como Clementina de Jesus, Aracy Cortes e Zé Keti, passando pelo saudoso tempo dos festivais onde “Sinal Fechado” dá o primeiro lugar a um jovem Paulinho que, de lá para cá, firmou-se como uma voz única e pujante da MPB e do samba. E o jovem se fez um senhor que traz consigo a herança dos grandes bambas, sendo ele um também.

Neste show, além dos sucessos marcantes de sua trajetória,

Paulinho abre espaço para cantar algumas canções que, embora nunca tenha gravado, fazem parte de sua memória emotiva, e certamente há surpresas guardadas para o público, como novas interpretações de músicas já conhecidas, além de pelo menos uma composição inédita, logo na abertura do espetáculo.

Com Direção Geral de Claudio Botelho, o espetáculo é uma festa de Paulinho da Viola, com Paulinho, para Paulinho, e mais do que tudo, para nossa música que, com ele e através dele, segue cheia de vigor e possibilidades. Paulinho é tradição e modernidade.

SERVIÇO

PAULINHO DA VIOLA
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)
23/9, às 22h
Ingressos esgotados

Click Studio



O Pato Fu é formado por Fernanda Takai, John Ulhoa, Ricardo Koctus, Richard Neves e Xande Tamietti

30 anos de originalidade

Mineiros do Pato Fu celebram longa trajetória levando sucessos de toda carreira ao Circo Voador neste sábado

Eles fizeram (e seguem fazendo) história no cenário musical brasileiro e estão de volta ao palco do Circo Voador para uma grande celebração neste sábado (23), às 22h. O Pato Fu comemora 30 anos de estrada com um show em que revisita clássicos de todas as fases da carreira e, de quebra, ainda mostra músicas do novo álbum “30”. Para completar a mineirice, o inquieto e inventivo coletivo Graveola (agora sem o “Lixo Polifônico”) abre a noite.

Desde 1992 na estrada, o Pato Fu está sempre em transforma-

ção. A banda já se destacou nas principais premiações nacionais, conquistou um Grammy Latino, vendeu discos de ouro, emplacou um pá de canções em trilhas de novela e é também conhecida por se manter incansavelmente original, muito longe de fazer um som datado.

Com 13 discos e cinco registros ao vivo lançados, atualmente o grupo é composto por Fernanda Takai (voz), John Ulhoa (guitarra), Ricardo Koctus (baixo), Richard Neves (teclados) e Xande Tamietti (bateria). Xande, que integrou a banda de 1995 até

2014, voltou ano passado tornando essa celebração de 30 anos de estrada ainda mais especial.

No repertório, uma verdadeira viagem por canções de todos os álbuns de sua discografia. Estão presentes os hits autorais – entre eles “Canção Pra Você Viver Mais”, “Sobre o Tempo”, “Perdendo Dentes”, “Antes Que Seja Tarde”, “Simplicidade”, “Depois” e “Made in Japan” – além das regravações criativas e originais de sucessos de outros artistas como “Ando Meio Desligado” (Os Mutantes), “Eu Sei” (Legião Urbana) e “Eu” (Grafarréia Xilarmônica). Rolam ainda músicas lançadas recentemente no álbum “30”, projeto que celebra justamente as três décadas do grupo.

Abrindo a noite, os mineiros da Graveola estão de volta ao palco do Circo para dar a largada nas comemorações dos seus 20 anos

de estrada.

Atualmente formada por Luiza Brina (voz e guitarra), José Luiz Braga (voz), Cecília Collaço (bateria), Bruno de Oliveira (baixo) e Thiago Corrêa (teclado, programação e voz), a banda permanece sendo uma espécie de laboratório artístico coletivo que mistura gêneros, instrumentos e arranjos sob a influência de artistas da música popular brasileira, como Caetano Veloso, Tom Zé, Gilberto Gil, Novos Baianos e Clube da Esquina.

Antes e depois dos shows, o DJ Marcelinho da Lua põe o público pra dançar ao som das carrapetas.

SERVIÇO

PATO FU - TURNÊ DE 30 ANOS
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 23/9, às 22h
Ingressos entre R\$ 70 e R\$ 160

Ordinarius se apresenta sexta no Teatro Rival

Divulgação



O grupo vocal Ordinarius

O grupo vocal Ordinarius comemora nesta sexta-feira (22) 15 anos de carreira com show no Teatro Rival, passeando por cada um de seus oito álbuns e relembrando músicas importantes de sua trajetória. O septeto – que ao longo desses anos levou seus projetos em turnês pelo Brasil e exterior – apresenta um repertório selecionado com a participação dos fãs nas redes sociais.

Já estão garantidos no roteiro sucessos do Ordinarius, como “Baião de Quatro Toques” (José Miguel Wisnik e Luiz Tati), “Samba de Verão” (Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle) e “André de Sapato Novo” (André Correa). A autoral “Que Chova Love” (Augusto Ordine e Maíra Martins), a mais ouvida do grupo nas plataformas digitais, também está no repertório, mostrando um pouco do projeto autoral ao qual o septeto está se dedicando.

Os arranjos, inéditos e exclusivos, são do maestro Augusto Ordine, conhecido no meio vocal carioca.

SERVIÇO

ORDINARIUS
Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
22/9, às 19h30
Ingressos entre R\$ 35 e R\$ 120

Talento de pai para filho

Leoni e seu filho Antônio se apresentam sexta e sábado no Soberano, em Itaipava

O cantor e compositor Leoni se apresenta em Itaipava de forma mais intimista. Nesta sexta e sábado (22 e 23), o músico se apresenta no Soberano, em Itaipava, acompanhado por seu filho Antonio Leoni na guitarra e vocais. A colaboração musical dos dois vem de muito tempo - apesar de Antonio es-



Antonio Leoni toca com o pai desde os 13 anos

tar só com 24 anos, desde os 13 vêm tocando com o pai.

Porém, desde a pandemia, a parceria se acentuou: era o filho quem cuidava das lives semanais do pai e, depois, começou a fazer produções dos novos singles, entrando, em seguida, para a banda Outro futuro, que acompanha o Leoni. Desde então, caiu na es-

trada e começou a produzir o disco novo de Leoni & Outro Futuro, ainda inédito, "Vem Alegria", junto com Lourenço Monteiro.

No repertório do show, os incontáveis sucessos de Leoni, algumas reinterpretações de seus contemporâneos, uma parceria de pai, filho e mãe (Luciana Fregolente) e uma canção de Antonio Leoni. Entre as músicas mais

conhecidas estão "Garotos II", "Por Que Não Eu?", "Exagerado", "Temporada das Flores", "Só Pro Meu Prazer", "A Fórmula do Amor", entre muitas outras.

Leoni iniciou sua carreira na década de 80, fundando o Kid Abelha, onde atuou como baixista e principal compositor da banda. Depois de quatro discos de ouro (mais de 500.000 discos vendidos), deixou a banda em 1986, para fundar os Heróis da Resistência. Acumulando a função de vocalista em seu novo projeto, rodou o país e ganhou mais um disco de ouro. Com os Heróis, lançou três discos. Em 1993 partiu para a carreira solo, tendo lançado sete álbuns. Como compositor, coleciona parceiros ilustres como Herbert Vianna, Cazuzza, Marcos Valle, Zélia Duncan, Frejat, Xande de Pilares, Ivan Lins, Francis Hime, Ney Matogrosso, Fernanda Abreu entre muitos outros.

SERVIÇO

LEONI

Soberano (Estrada União e Indústria, 11.000, loja 104 - Shopping Estação Itaipava, Petrópolis)

22 e 23/9, às 21h

Ingressos entre R\$ 280 e R\$ 560

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Ceixa recebe

Neste domingo (24), às 18h, a cantora e compositora pernambucana Ceixa Moreno vai comandar mais uma edição do Sarau da Casa Rio. Ceixa e sua inseparável sanfona serão os mestres de cerimônia do encontro mensal. Nesta edição, estão confirmados Elba Ramalho, Luã Yvys, Natália Boere, Rodrigo Garcia, Thays Sodré, Natascha Falcão, Chico Chico, Julia Vargas e El Pavuna. Contribuição colaborativa.

Luis Fernando Pagliarini/Divulgação



Piano pra Sivuca

Após realizar diversas apresentações com o projeto, "Viva Sivuca - Homenagem Ao Poeta Do Som", que passaram pelos Sescs de, Copacabana, Tijuca, Madureira, a cantora, compositora e pianista Claudia Castelo Branco, encerra o projeto no Sesc Quitandinha, em Petrópolis nesta sexta-feira (22), às 19h30. Claudia será acompanhada por Fred Ferreira (baixo e guitarra) e Rodrigo Maré (percussão).

Iere Ferreira/Divulgação



Dorina festeja

A sambista Dorina volta aos palcos neste sábado (23) no Teatro Brigitte Blair, em Copacabana, para celebrar os 30 anos de carreira com o novo show "Mosaico" em que interpreta canções de compositores icônicos, como Johnny Alf, Djavan, Caetano Veloso, Ivan Lins, Vander Lee, Paulinho Moska, Serginho Meriti, Arlindo Cruz, Almir Guineto, Ceumar, Fátima Guedes, Nana Caymmi e Paulinho da Viola.

Divulgação



Fevers, 58 anos

Com 58 anos de estrada, os Fevers comemoram do jeito que mais gostam: fazendo todo mundo cantar, dançar e festejar. Neste domingo (24), às 18h, a banda se apresenta no Imperator com show da turnê "Do Vinil ao Digital". "A mudança do vinil para o CD começou de forma gradual, depois acelerou direto", diz o atual vocalista Luiz Claudio. "Entre 1995 e 2000 lançávamos nossos trabalhos nas duas mídias", conta.

CRÍTICA / DISCO / DIGNIDADE

A dignidade de um cantador

Por Aquiles Rique Reis*

Vocês não imaginam a minha satisfação ao lhes trazer o álbum Dignidade (Kuarup), o primeiro de João de Ana, cantor e compositor mineiro lá de Pedra Azul, no Vale do Jequitinhonha, onde nasceu e vive.

João conta que deve ao violeiro Chico Lobo, mineiro como ele, a chance de lançar suas músicas num trabalho com qualidade artística e técnica. Com produção musical de Ricardo Gomes e mixagem e masterização de Alessandro Tavares, tudo conspirou para que João de Ana levasse ao Brasil a sua música, digna de uma terra que precisa de músicos como ele para ser igualitária e plural.

“Canção do Vale” (João de Ana e Gilberto Guimarães): os violões (João de Ana e Ricardo Gomes) ponteiam. Envolta em alma mineira, a voz de João brota do fundo da terra. O Jequitinhonha salta à vista. A pegada é quente. O instrumental tem força, assim como vigorosa é a cantoria. O arranjo se vale do cello

(Sérgio Rabello). Junto com o violão, mais o piano de Luadson Constâncio e apoiados pela percussão de Diego Panda, eles fazem do repertório um hino à mineirice de quem canta à vida.

“Minas Canções” (JdeA e Zé Henrique Ruas, in memoriam): o bandolim (Rogério Delayon) aguça a interpretação de João. Os versos, ajuntados à melodia simples, mas bela e realçada por vocais precisos, expõem o gosto pela amizade e um jeito de ser que é tão mineiro quanto o violão (Robertro Delayon) e o café recém-coado que vem à mesa. Eis Minas... quanta dignidade!



Divulgação

“Cantador do Tempo” (JdeA e Gilberto Guimarães): Chico Lobo dá o tom da viola, prima-irmã da cantiga que brota da alma e carece de suas cordas para eternizar-se. A voz de João não tem limites para se expandir e, sem eira nem beira, lança no

ar o jeito cantador de ser pedra-azulense. Ao ouvi-lo, afirmo: o cantar de João de Ana é épico!

“Cantador de Luz Cheia” (JdeA e Voltaire Lemos): lá está de volta a viola do Chico Lobo, trazendo com ela a percussão de Diogo Panda. E a lua se abre para ouvir o som que vem arritmo, enquanto o cantador lhe oferece sua voz, e

ela, com amor transbordante, ilumina a mineirice de quem para ela veio cantar, o que João faz a plenos pulmões... emociona ouvi-lo.

“Sempre Que Amanhece” (<https://youtu.be/fW5jCTwyzRs?si=NZcGl5rWKBMFhM>), de JdeA e Raul Mariano: aqui o couro come total. A quase catarse em que se envolvem a instrumentação e a voz dão à música o tom mais que épico de um álbum épico, cantado epicamente por um mineiro que sabe como ser imponente, sem ser descomedido, nem piegas.

Em “Donana” (<https://youtu.be/fW5jCTwyzRs?si=NZcGl5rWKBMFhM>), João de Ana canta ao seu sobrenome artístico. Sua benção, DonAna: seu filho canta à senhora como quem reza. Ouça o que ele tem a dizer, pois tudo o que faz tem a sua feição. Ó DonAna, venha quentar o café pro menino que a traz no sobrenome.

E com “Sonhei Que Estava Em Pedra Azul” (JdeA), João homenageia seu pai, o Sr. Valdivio. E assim patenteia ser, também, João de Valdivio.

* **Vocalista do MPB4 e escritor**

FERNANDO MOLICA



“Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões.”

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

“Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas”

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

Paulo-Roberto Andel

Fragmentos sobre Copacabana II

Perto da meia noite de sexta-feira, jovens do bairro deixam o Edifício Pampeiro na Rua Tonelero rumo às Casas da Banha, esquina de Siqueira Campos com Barata Ribeiro.

Interromperam um campeonato de botão para comprar lanche - os jogos costumavam se arrastar madrugada dentro até às três da manhã.

No tradicional supermercado 24 horas, compram pão, frios e refrigerante. Depois voltam, fazem sanduíches e se divertem a valer enquanto os craques redondos dominam o campo de compensado verde.

Perto da meia noite de sexta-feira, o Bar Sniff's está prestes a cerrar suas portas. Alguns boêmios ainda bebem o último copo de cerveja, tanto próceres locais como Fred, Paulinho Cana e Márcio Pô quanto celebridades como o jornalista Arthur Laranjeira, nome fundamental na produção de shows da Tropicália no Teatro Teresa Raquel, o "Teresão", ali nas amplas galerias do Shopping dos Antiquários, no coração do bairro que não dorme.

Perto da meia noite de sexta-feira, os últimos craques da pelota deixam a praia e encerram a jornada de futebol do dia. Tudo recomeça no dia seguinte porque o futebol é sagrado e não tem fim.

Os craques da areia descem a Figueiredo Magalhães em procissão de ponta a ponta. Alguns entram na Siqueira e sobem Tabajaras. O morro e o asfalto sempre fazem tabelinhas na dupla de

praia e no futevôlei de Copacabana.

Uma jovem mulher no esplendor de sua forma está deitada na cama, com a luz acima, vestindo apenas uma calcinha preta, tudo perto do Bairro Peixoto. A beleza de seu corpo nem sempre pode ser vista seis ou sete andares acima, mas um grupo de adolescentes se espreme na janela da sala para admirá-la ou, de longe, sonhar com a admiração.

Desejar a juventude de sua pele alva e fresca, sua beleza diante do charme do mundo, seu futuro que tanto promete. Perto da força de uma jovem mulher, os jovens homens não passam de súditos indefesos.

Num outro boteco do Shopping dos Antiquários, o compositor Billy Blanco bate papo com outros frequentadores, alguns do estilo low profile.

De longe, um forte cheiro de éter denuncia a chegada de um dos maiores enigmas de Copacabana: Mister Éter, morador em situação de rua na esquina de Constante Ramos com Barata Ribeiro.

Dono de um corpanzil de quase dois metros com 150 quilos, Mister Éter anda pelo bairro sem pedir esmolas, apenas cachaça pelos botecoins.

Talvez o segredo de sua longevidade numa vida tão sofrida esteja nisso mesmo: os botecos não lhe dão cachaça, mas sim doses de água. O sabor não importa: ele sempre traga e faz um ahhhhh de satisfeito com a purinha, que só existe em seu pensamento.

CRÍTICA / LIVRO / CLARA MILITCH

O simbolismo literário de Turguêniev

Divulgação

Por Alex Castro (Folhapress)

Tolstói e Dostoiévski se tornaram figuras literárias tão gigantescas que é fácil esquecer o tamanho de Ivan Turguêniev. Para a maioria dos leitores europeus do século 19 e começo do 20, foi ele a porta de entrada para a grande literatura oitocentista russa.

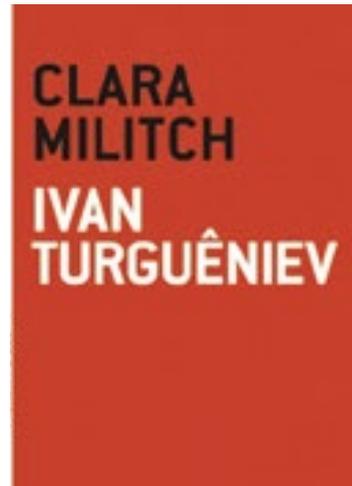
Turguêniev era ao mesmo tempo familiar - vitoriano e comedido como Gustave Flaubert e Henry James - e atraentemente exótico, muito mais palatável que a alteridade radical representada pelo outros dois russos.

Seu livro de estreia, "Memórias de um Caçador", parece composto por contos apolíticos e ingênuos sobre pobres camponeses, mas é considerado uma causa direta da emancipação dos servos, o equivalente russo da abolição da escravatura.

Seus romances posteriores, como "Pais e Filhos", não se posicionam tanto quanto essa primeira obra, mas são famosos por retratarem de forma realista os debates políticos que chacoalhavam a Rússia. Apesar de hoje parecerem quase inócuos, em sua época foram considerados polêmicos.

No fim da vida, Turguêniev abandona seu estilo naturalista e embarca no simbolismo literário então corrente na França, onde morava, e que começa a surgir na Rússia nas últimas décadas do século 19. A melhor representação dessa sua nova fase é a novela "Clara Militch", que era inédita no Brasil e sai agora na coleção "A Arte da Novela", da Grua Livros.

A atmosfera rarefeita e penumbral de "Clara Militch" remete mais aos contos de terror



Clara Militch

vitorianos, ao alemão E.T.A. Hoffmann e ao americano Edgar Allan Poe do que à ideia que a maioria das pessoas tem da literatura russa.

A história se inspira em um fato, acontecido em 1881: por causa de um amor não correspondido, uma cantora de 28 anos se envenenou antes de uma apresentação e morreu em pleno palco.

Na novela de Turguêniev, o protagonista Iákov Arátov tem apenas uma breve conversa com Clara Militch antes de seu suicídio. Depois, fica obcecado para saber mais sobre a cantora que teria pretensamente morrido por ele. Ela o amava? Por quê? O que se segue é uma narrativa onde as questões sociais concretas cedem espaço ao existencial e ao espiritual, a sugestões fantásticas e alusões fantasmagóricas.

A novela estabelece um diálogo interessante com outro clássico, "Eugênio Onêguin", obra-prima de Aleksandr Púchkin, considerado o pai da literatura russa. Em sua performance, Militch encara Arátov e declama a carta de Tatiana a Onêguin, ponto alto da obra, em que ela lhe de-

clara seu amor.

A cantora parece estar dizendo a Arátov: "você é meu Onêguin". E ele, como o outro personagem, foge. Tatiana se recupera e triunfa, Clara se mata e assombra o amado. Ou não. É justamente a falta de qualquer certeza sobre o que está realmente acontecendo, esse eterno estado de dúvida entre o real e o sobrenatural, que caracteriza a novela como fantástica.

A tradução e as notas são fruto da dissertação de mestrado de Giselle Moura na Universidade de São Paulo. Além das explicações tradicionais, contextualizando figuras históricas e mostrando como funcionam os patronímicos, a tradutora compartilha deliciosas fofocas da vida de Turguêniev.

Por exemplo, ele passou a vida seguindo pela Europa a cantora lírica franco-espanhola Pauline Viardot, na época uma estrela muito mais famosa que ele. Sua mãe, que era contra o relacionamento, só se referia a Viardot como "a cigana". No enredo, em seu momento de maior raiva contra Clara, o pior xingamento em que Arátov consegue pensar é "cigana".

Turguêniev morre na casa de Viardot, na França, em 1883, mesmo ano em que é publicada "Clara Militch". Não há nada a ser criticado nessa perfeita história de fantasmas vitoriana, com exceção do fato de ser pior do que praticamente tudo que Turguêniev escreveu.

Para quem é fã do autor, ou de contos fantásticos, a leitura vale muito a pena. Mas, para quem quer saber por que Turguêniev é um dos maiores autores de todos os tempos, essa resposta não está em "Clara Militch".

Divulgação

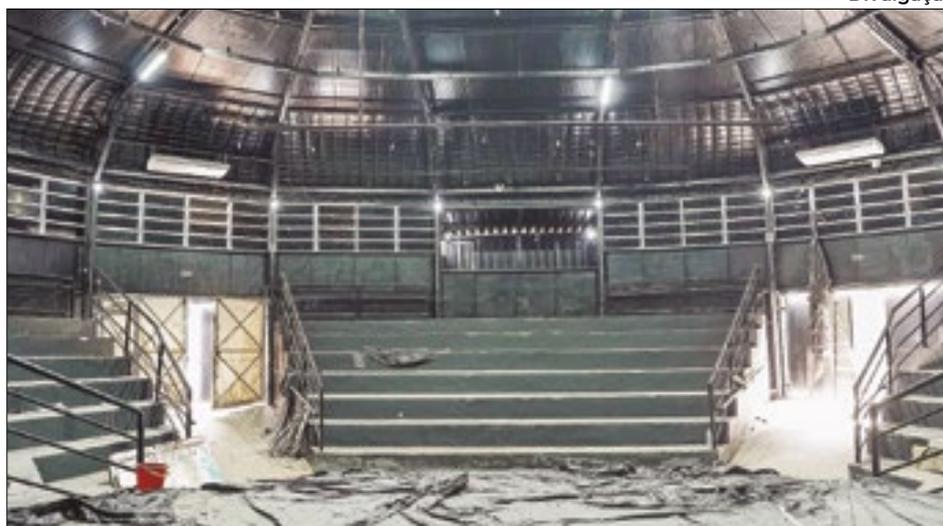


A arte carioca sai no lucro

Secretaria Municipal de Cultura investe na melhoria da rede municipal de teatros

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

A Secretaria Municipal de Cultura do Rio vai entregar duas novidades à população carioca ainda este mês. Primeiro, a reabertura do teatro do Planetário da Gávea, agora batizado com o nome de Domingos Oliveira (1948-2014) - antes era o Teatro Maria Clara Machado. Fechado para reparos na pandemia, o espaço reabre nesta sexta-feira (22) para convidados e, em seguida, para o público em geral, com a aclamada peça “Tom na Fazenda”, dirigida por Rodrigo Portella e produzida e estrelada por Armando Babiouff.



A Areninha João Bosco, em Vista Alegre (acima), e o Teatro Domingos Oliveira, no Planetário da Gávea (no alto), passam pelos últimos ajustes visando suas inaugurações nos próximos dias

O teatro foi rebatizado este ano a pedido da própria família de Maria Clara Machado, por considerar que o espaço com esse nome confundia o público em relação ao teatro/escola O Tablado, fundado pela dramaturga e diretora. Além disso, Domingos Oliveira foi diretor daquele palco por muitos anos.

E na próxima segunda-feira (25), será a vez da Areninha Cultural João Bosco,

em Vista Alegre, que será inaugurada com show gratuito do patrono, João Bosco. A segunda lona cultural carioca transformada em areninha pela pasta, que vem promovendo o maior programa de reforma, modernização e requalificação dos seus equipamentos culturais.

O show terá início às 18h30, e no repertório, clássicos da carreira do cantor, violonista e compositor mineiro, como

“Papel Marchê”, “Quando o Amor Acontece” “O Bêbado e a Equilibrista” e “Corsário”, e também algumas das novidades reunidas em seu disco mais recente, “Abricó de Macaco” (2020).

O secretário Marcelo Calero falou com exclusividade ao Correio da Manhã sobre a ampliação da rede municipal de teatros.

Secretário, qual é o primeiro objetivo nesse momento?

Marcelo Calero: Com a reabertura do Teatro Domingos Oliveira, também estamos procurando olhar para os outros teatros. Temos um programa, Cultura do Amanhã, que tem como objetivo fazer a reforma, requalificação e modernização de todos os nossos teatros. Então, nós temos, por exemplo, o Teatro Ipanema, o Teatro Café Pequeno, o Teatro Sérgio Porto e a Sala Municipal Baden Powell, esses quatro espaços da Zona Sul, serão reformados. O Teatro Carlos Gomes, no Centro, está passando pela maior reforma da sua história e vai ser reaberto em junho do ano que vem.

E quais são os próximos passos?

Começamos na época da pandemia que desorganizou muito a cadeia produtiva da cultura. Então agora estamos conseguindo reorganizar com os nossos programas, tanto de fomento à produção, quanto de valorização. O Teatro Ipanema e o Teatro Ziembinski vão ser os primeiros terem as suas licitações das suas obras depois do Carlos Gomes.

E como a classe artística é beneficiada nesse processo?

Um teatro público tem uma importância, até em termos práticos, porque para a produção acaba tendo um custo muito menor. Maior, porque se trata de um teatro que não tem que pagar aluguel e, portanto, já tem ali vários insumos que são subsidiados pela Prefeitura, tais como som, luz, bilheteria... Ou seja, há uma questão prática que favorece muito a produção teatral carioca quando é um teatro municipal, uma casa de espetáculos pública.

E há novas parcerias no radar da Secretaria de Cultura?

O Teatro do Centro Cultural dos Correios está fechado. Nós vamos reabrir o espaço nas próximas semanas, provavelmente no próximo mês, já como fruto de uma parceria nossa com a instituição dando esse contexto maior de valorização.

Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Uma forma, bastante eficiente em teatro, é a comédia trazer situações do cotidiano. O efeito catártico é imediato e a gargalhada rola fácil. E quando se mistura amor, situações picantes, episódios inusitados e muita, muita trapalhadas é sucesso na certa. A comédia teatral “Neura!”, de Rita Fischer, cria relação imediata com a plateia. Tudo flui, sem economia,

sem exageros, no ponto correto para que haja uma história, com começo, meio e fim, que ao mesmo tempo emociona ao final.

O texto mostra a sua capacidade de criar diálogos envolventes, rápidos, simples e direto ao ponto. A peça se inicia já mostrando o “final feliz” do casal e, a partir daí, a jornada é composta de vários episódios daqueles que dão errado, pelo óbvio. E tal forma que Rita consegue compor um painel das coisas mais comuns até as mais raras. Todas com o mesmo impacto, mesma ló-

CRÍTICA / TEATRO / NEURA!

Divulgação



Rita e Vital num espetáculo de diálogos envolventes

gica o que não permite que a peteca caia.

Rita Fisher faz o papel feminino da dona de casa Matilde e Vital Neto desempenha o bonachão Carlos Alberto, um funcionário público apaixonado e que faz to-

das as vontades da mulher. Vital é um ator eficiente, com ótima diction que não perde um ai, tem uma atuação repleta de alegria que é transmitida o tempo todo. Dança, remexe, anda, faz os gestos de cansaço tudo com uma agilidade que

muda de um polo ao outro com total talento.

Rita em uma expressão corporal única. Impressionante. O corpo que anda, levanta, faz exercícios, balança o cabelo que vira uma juba, pois é uma leoa em cena. E canta pequenos trechos com afinção e uma linda voz. E de forma integrada, os elementos cênicos aparecem com vigos. O cenário Nello Marrese, o figurino de Alice Demier são complementados pela excelente e criativa iluminação de Diego Diener. Neura é um vigoroso espetáculo para se rir muito ao nos reencontramos com o que se vê no palco.

SERVIÇO

NEURA!

Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 – Ipanema) | Até 30/9, às sextas e sábados (22h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

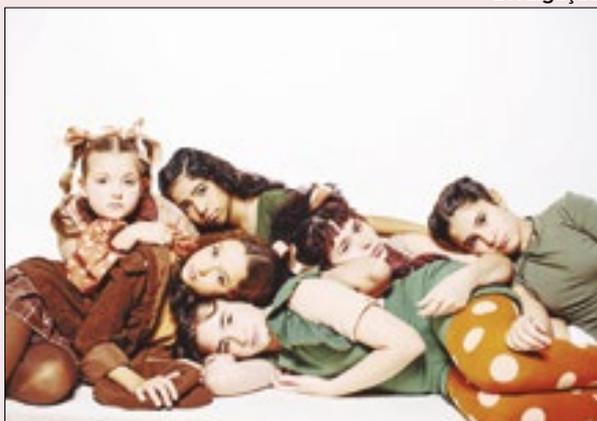
Da rua para os palcos

Reconhecido pelo trabalho nas ruas da cidade, o Grupo Sats volta ao espaço cênico com o espetáculo “Lugar Para Guardar Animais”, que reúne cinco intérpretes em um estado de potência bruta, evocada por individualidades e coletividades, experimentando disputas, ataques e parcerias. Com direção de Rodrigo Gondim, a obra está em cartaz de sexta a domingo, no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaitá; e de 29 de setembro a 1º de outubro, no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, na Tijuca. Apresentações gratuitas.

Igor Keller/Divulgação



Divulgação



Musical para crianças

“Annie, O Musical”, prática de Montagem da In Cena Casa de Artes e Produções, sucesso da Broadway baseado na história em quadrinhos “Little Orphan Annie”, de Harold Gray. A história, que originalmente se passa em Nova York, foi adaptada para o Brasil, mas sem marcar geograficamente nenhuma cidade específica. A ideia da montagem do diretor Gustavo Klein foi mostrar que trata-se de uma história universal, que pode acontecer em qualquer lugar ou época. Com 36 atores em cena, o espetáculo está no Teatro dos 4. Até 8 de outubro, aos sábados e domingos, às 15h.

Daniel Barboza/Divulgação

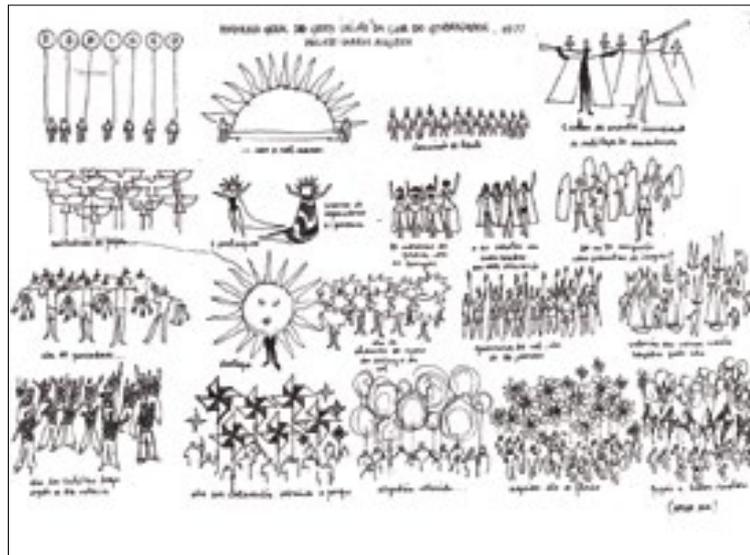


18 anos de sucesso

Um dos maiores sucessos recentes, o solo narrativo “A Descoberta das Américas”, Prêmio Shell 2005 de melhor atuação a Julio Adrião e completa 18 anos. O espetáculo vem traçando um caminho amplo e diverso, se levarmos em conta os variados públicos e espaços cênicos que já percorreu. Pequenas cidades do interior, grandes centros cosmopolitas, circuitos universitários e temporadas em salas de teatro, além de diversos festivais no Brasil e no exterior, possibilitaram encontros com uma grande diversidade de público. Teatro Glauce Rocha, Quartas e quintas, às 19h.



Maria Augusto no desfile da Beija-Flor em 1993



Estudo para o desfile da União da Ilha de 1977

Arte para a folia

Mostra homenageia legado da carnavalesca Maria Augusta Rodrigues no Sesc Madureira



Fantasia da Paraíso do Tuiuti (1982)



Fantasia da União da Ilha (1972)



Fantasia da Beija-Flor (1993)

O Sesc Madureira exibe, de 23 de setembro a 10 de dezembro, a Exposição Cartografias de Augusta. A mostra apresenta o acervo e o legado artístico da carnavalesca Maria Augusta Rodrigues. A exposição presta uma homenagem ao itinerário da artista e a sua dedicação à maior festa popular do país.

A carnavalesca é responsável por apresentações históricas do carnaval, como “Domingo” e “O Amanhã”, ambas na União da Ilha do Governador. Pelo Salgueiro, participou das comissões de carnaval que marcaram época durante as décadas de 1960 e 1970. Além do período da Revolução Salgueirense e da Ilha, Augusta teve passagens por Tradição, Paraíso do Tuiuti e Beija-Flor de Nilópolis. A curadoria é de Eduardo Gonçalves e Leonardo Antan e produção do coletivo Carnavalize. A mostra foi contemplada pelo Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar. A abertura da mostra neste sábado (23), às 17h, contará com a presença da Bateria da Império Serrano.

“É muito importante lançar um olhar sobre a trajetória de Maria Augusta no Carnaval, trata-se de um nome pioneiro e responsável por inúmeras transformações. Além de ser um dos poucos nomes femininos entre os grandes carnavalescos da festa. Seu trabalho ficou marcado pela originalidade e sempre esteve à frente do seu tempo. Foram desfiles com temas inéditos, uma linguagem lúdica e formas

inéditas de outros integrantes das escolas de samba, demonstrando como o trabalho de Augusta ainda ressoa nas produções contemporâneas do carnaval. Além disso, a presença de artistas oriundos de outras linguagens simboliza um intercâmbio entre a cultura popular e elementos da cultura canônica. São alguns dos nomes da mostra: Alex de Souza, Carila Matzenbacher, Jorge Silveira, Julia Gonçalves, Mulambo, André Vargas, Felipe Moraes, Andrea Vieira e Penha Lima.

O projeto é realizado pelo Carnavalize, coletivo que valoriza os aspectos culturais e artísticos do carnaval brasileiro, incentivando o processo de resgate da história de uma das nossas mais importantes manifestações.

SERVIÇO

CARTOGRAFIAS DE MARIA AUGUSTA

Sesc Madureira (Rua Ewbank da Câmara, 90)

De 23/9 a 10/12, de terça a sexta-feira (10h às 20h)

Entrada franca.

arrojadas. O revisitar da sua obra na exposição ressalta a atualidade do seu legado, que segue influenciando jovens artistas”, destacam os curadores que fizeram uma vasta pesquisa no acervo da homenageada durante mais de três meses para selecionar as obras.

A exposição conta com desenhos, documentos, projetos e registros das produções da artista ao longo de sua carreira. A mostra visual também é composta por obras

O quê da história

“Veja, ilustre passageiro, / o belo tipo faceiro / que o senhor tem ao seu lado. // No entanto, acredite / Quase morreu de bronquite / Salvou-o o Rum Creosotado.”

Histórias antigas povoam nossa mente, sem, necessariamente, tenhamos-as vivido plenamente.

A do Rum Creosotado é uma delas. Lembro-me vagamente deste reclame nos bondes cariocas que, povoaram meu dia a dia por muitos anos e ainda estão vivos em mim, pois, nascido e criado em Santa Teresa, esse meio de transporte que, marcou a história da cidade, ainda se faz presente.

O outro cartaz que marcou minha infância foi da Emulsão Scot. Quem não lembra do famoso óleo de fígado de bacalhau. O anúncio, cujo conteúdo mostrava um pescador com um enorme peixe às costas, apregoava os benefícios do fortificante. E tome colheradas e mais colheradas daquele creme branco de gosto terrivelmente forte. São as tais lembranças afetivas que, no caso, são olfativas e mal gustativas.

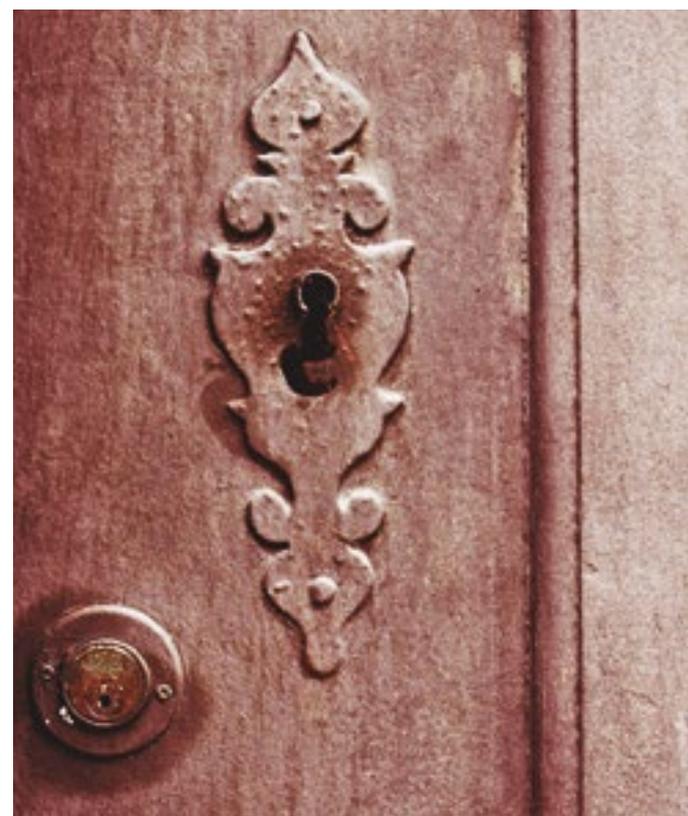
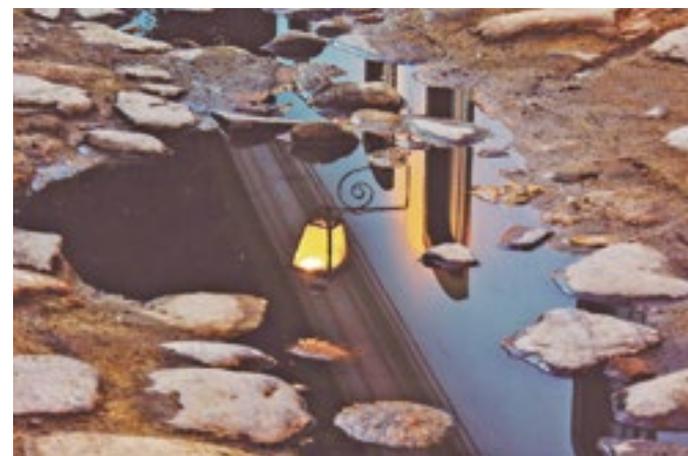
“O bonde era divertido, fresquinho e com gente de todos os tipos. Mas peguei pouco, logo mudaram para o ônibus elétrico”, disse-me uma amiga querida.

Já em 1963, o governador Carlos Lacerda, comprou-os decretando, ali, sua extinção. Em dezembro de 1967 realizou sua derradeira viagem na linha Alto da Boa Vista. Em 1971 foi a vez de sumariamente desativado, no mês de abril, o Trólebus. Foi promovido como substituto do bonde; não deu certo!

O bonde de Santa ficou para contar história. Conta-a até os dias atuais sob uma saravada de críticas dos moradores do bucólico bairro carioca.

Histórias são vividas e vividas em nossa memória. Não, necessariamente vivenciadas diretamente. Muitas das vezes são histórias conhecidas de outros Carnavais. Passadas de pai para filho. Nossos interlocutores põem-se a rir, perguntam-nos do quão detalhes são sabidos e como sabemo-los. Põem-se a rir. Isso está no quão vívida está e é nossa memória. Somos vividos? Somos experientes? Não importa, muitas vezes e melhor gastar palavras, muito melhor é fazer poemas com elas, não o do famoso Rum Creosotado, mas, um que fale de amor, que conte a história de um amor e, por que não, amor pelo Rio.

Idades são tempos em movimento; cro-



nológica, física, mental, espiritual... idade não importa. A importância está na maneira e forma que conduzimos a história de nossa vida. Histórias podem ser da Carochinha ou tão velhas quanto a Sé de Braga. Podem ser afeti-

vas ou imaginárias. São histórias, momentos inesquecíveis que se tornaram permanentes em nossas mentes, porandubas eternas.

Afinal, para bom entendedor, meia palavra basta. Basta? há histórias em que pinga se

torna letra, a letra que há em meu nome.

Ah, hoje em dia temos o VLT, mas aí é outra história.

Depois do amanhecer te conto!

Não vamos perder o bonde da história.

Pizzas no topo do mundo

Conheça as três pizzarias brasileiras, todas de São Paulo, na lista de melhores do mundo de 2023

O 50 Top Pizza World, que elabora um

ranking das melhores pizzarias do planeta, colocou pela segunda vez consecutiva três casas de São Paulo entre as 100 melhores. A QT Pizza Bar, em Cerqueira César, ficou na 51ª posição, seguida pela A Pizza da Mooca, na 85ª posição. Fecha a lista a Leggera Pizza Napoletana, na Pompeia, na 100ª. Veja o que encontrar em cada uma delas.

QT Pizza Bar (#51)

Com arquitetura pós-industrial, traz a pizza contemporânea no estilo napolitano, que usa técnica de fermentação chamada "sourdough", com lactobacilos e leveduras presentes no ambiente e nos grãos do cereal do qual a farinha foi feita. É comandada por Matheus Ramos. Uma boa escolha é a cog porc (R\$ 63), com molho de tomate, mix decogumelos e barriga de porco confitada. Para quem não come carne, a opção é a vegana (R\$ 48), feita com creme de abóbora, couve frita, pickles de cebola roxa e faro-

fa de castanha e alho. Alameda Ministro Rocha Azevedo, 1.096, Cerqueira César, @qtpizzabar.

A Pizza da Mooca (#85)

Comandada pelo chef Felipe Zanuto, e hoje com os sócios Murillo Dias e Bruna Zanuto, serve pizzas individuais e opções de seis pedaços ao estilo napolitano. As coberturas mais pedidas, segundo a gerência, são as clássicas caprese (R\$ 98), marguerita (R\$ 89) e muçarela (R\$ 89). Depois vem outra tradicional, mas com



A PIZZA DA MOOCA

um toque autoral: portuguesa de molho

bechamel no lugar do vermelho, presunto de Parma tostado e ovo mole, que sai por R\$ 78. Taças de vinhos a preços honestos merecem elogios. Ah, e guarde espaço para os cannoli na sobremesa. O de ricota cremosa com pistache é um belo gran finale. Rua da Mooca, 1.747, Mooca, região leste, tel. (11) 3571-1221, @apizzadamooça



QT PIZZA BAR



LEGGERA PIZZA NAPOLETANA

Leggera Pizza Napoletana (#100)

Delegado da Associazione Verace Pizza Napoletana no Brasil, o pizzaiolo André Guidon é rigoroso no respeito às regras da certificação. Campeã de vendas, a marguerita verace leva molho de tomate, manjericão, muçarela de búfala e parmesão (R\$ 54). Entre as coberturas criativas, o destaque é a La Divina Commedia, que mescla muçarela de búfala, manjericão, parmesão, provolone defumado, linguíça curada picante e cebola roxa caramelizada (R\$ 61). Rua Diana, 80, Pompeia, tel. (11) 3862-2581, @leggerapizzanapoletana

TEREMOS VINHOS TINTOS

EVENTO

Vinhos BRANCOS & ROSADOS



- ROLHA ZERO • ESTACIONAMENTO GRATUITO* • 300 RÓTULOS DE VINHOS
- 25 EXPOSITORES • PRATOS HARMONIZADOS EM NOSSOS RESTAURANTES
- ATRAÇÕES MUSICAIS • WORKSHOPS

29
SET

16h às 21h30

30
SET

16h às 21h30

01
OUT

16h às 20h30

Av. Ayrton Senna, 2.150
Pórtico • Nivel Península

INGRESSOS à VENDA



GRUPO
BACO
MULTIMÍDIA

CASA
SHOPPING

 @casashopping
 @vinhosbrancoserosados
 @bacomultimidia

* ESTACIONAMENTO GRATUITO DURANTE O EVENTO